

*ATUALIZAÇÃO*  
*Material inserido em junho / 2017.*

## **"A SAUDADE ME ARREBENTA"**



Artur Marques, 37 anos,  
ajudou a polícia a achar o assassino  
confesso do seu filho,  
o padrasto da criança

NO INÍCIO DESTE ANO, vivi alguns dos piores dias da minha vida. Cerca de três anos antes, meu filho Joaquim havia sido morto, aos 3 anos, com uma overdose de insulina injetada pelo padrasto. Guilherme Longo, que morava com a minha ex-mulher desde o nosso divórcio, chegou a confessar o crime, mas fugiu logo em seguida. Emagreci 15 quilos em dois anos, não dormia e não comia. Sentia muita raiva de tudo.

Até que recebi um telefonema do meu advogado. Ele contou que uma chilena desconhecida havia entrado em contato com ele para dizer que Guilherme Longo estava na

Espanha. A chilena o havia conhecido em Barcelona por meio de um amigo americano. Esse amigo, mais tarde, teria revelado à chilena que Guilherme não só admitiu o assassinato como se vangloriou de não ter sido pego pela polícia.

A chilena mandou fotos dele para o meu advogado. Quando as vi, tive certeza: era mesmo Guilherme. Avisamos a polícia. Fiquei muito ansioso — pensei em ir à Espanha para acompanhar a prisão. Cheguei a reservar passagem mais de três vezes, mas desisti. Quando soube que ele tinha sido preso em Barcelona, só conseguia chorar. Foi um misto de alegria, raiva, realização, tristeza. O vídeo que o mostrava sendo algemado me trouxe uma felicidade que não sentia havia anos.

Em setembro de 2016, três anos depois da morte do Joaquim, Guilherme

deu uma entrevista à TV assumindo o assassinato. Ele já havia sido indiciado por homicídio triplamente qualificado e tinha sido preso, mas acabou solto mediante um habeas-corpus. Naquela ocasião, ele dizia que havia estrangulado meu filho, o que não era verdade. Ficou comprovado, segundo o laudo anexado ao inquérito da Polícia Civil, que meu filho morreu em consequência de uma overdose de insulina ministrada por Guilherme (*uma das provas obtidas pela polícia e usadas na denúncia foi o histórico do computador de Guilherme, em que havia buscas sobre doses letais de insulina*). Depois, ele jogou o corpo em um córrego. (*Cães farejadores identificaram que o padrasto havia estado no córrego onde o corpo de Joaquim foi jogado.*) Sete dias depois de a entrevista ir ao ar, o assassino confesso do meu filho fugiu do país com passaporte falso.

Eu me lembro como se fosse ontem da última vez que vi Joaquim. Ele passou o fim de semana comigo e fomos ao Park do Gorilão, em Ribeirão Preto, onde ele morava. "Pai, me leva no 'Guilão' ", ele dizia. Quando me separei da mãe dele, Natália, em 2012, meu filho tinha 2 anos. Ela, psicóloga, tinha começado a namorar Guilherme, que era seu paciente e dependente químico. Soubemos que Joaquim tinha diabetes em outubro de 2013, um mês antes de sua morte. Com a descoberta, Joaquim passou a tomar insulina. Eu ligava diariamente para saber como ele estava. Era sempre ele quem

atendia. Um dia, quem respondeu foi a mãe do Guilherme. Ela disse que Joaquim tinha ido dar uma volta. Uma criança de 3 anos dar uma volta? Achei estranho e liguei para Natália. Joaquim gostava de se esconder atrás da cortina, com os pés para fora, dizendo: "Está me vendo?". Cheguei a perguntar se ele não estava atrás de uma cortina. Quando percebi a gravidade da situação, fui para Ribeirão, direto à delegacia. Quando cheguei, Guilherme e Natália estavam lá e diziam nada saber. Cinco dias depois, acharam o corpo do meu filho.

Não tenho mais contato com a mãe dele, mas sei que ela leva uma vida normal. *(Natália é acusada de omissão em relação ao crime e responde à ação em liberdade.)* aguardo a extradição de Guilherme para ser julgado no Brasil. Tenho medo de que ele fuja de novo ou acabe solto por algum habeas-corpus. Só vou descansar quando ele for condenado. Enquanto isso, tento recomeçar a minha vida e conviver com a falta do Joaquim. A saudade que sinto dele me arrebenta.

Depoimento a Eduardo F. Filho

Fonte: Veja, 14 de junho de 2017, p. 82-83.